

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB  
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA- DF**

**CARLA ALISSANDREIA SILVA RODRIGUES**

**A CONEXÃO ENTRE O MITO DA CAVERNA E SUA CONFIGURAÇÃO NA  
ATUALIDADE**

**CAMPINA GRANDE – PB  
2017**

CARLA ALISSANDREIA SILVA RODRIGUES

**A CONEXÃO ENTRE O MITO DA CAVERNA E SUA CONFIGURAÇÃO NA  
ATUALIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Curso de Filosofia da Universidade Estadual da  
Paraíba, em cumprimento à exigência para  
obtenção do grau de Licenciada em Filosofia.

Orientador: Prof. Me. Francisco Diniz de Andrade  
Meira.

CAMPINA GRANDE – PB  
2017

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

R696c Rodrigues, Carla Alisandreia Silva.  
A conexão entre o mito da caverna e sua configuração na atualidade [manuscrito] : / Carla Alisandreia Silva Rodrigues. - 2017.  
19 p.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2017.  
"Orientação : Prof. Me. Francisco Diniz de Andrade Meira, Coordenação do Curso de Filosofia - CEDUC."  
1. Mito da caverna. 2. Platão. 3. Fantasmas . 4. Medo.  
21. ed. CDD 100

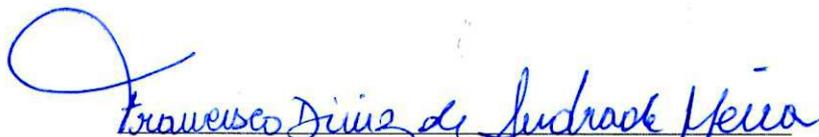
CARLA ALISSANDREIA SILVA RODRIGUES

**A CONEXÃO ENTRE O MITO DA CAVERNA E SUA CONFIGURAÇÃO NA  
ATUALIDADE**

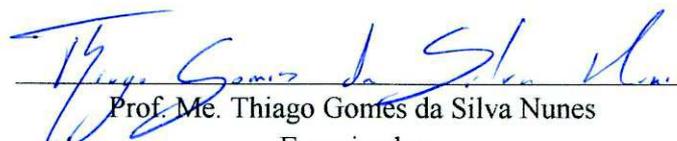
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Curso de Filosofia da Universidade Estadual da  
Paraíba, em cumprimento à exigência para  
obtenção do grau de Licenciada em Filosofia.

Aprovado em, 15/12/17

BANCA EXAMINADORA

  
Prof. Me. Francisco Diniz de Andrade Meira  
Orientador

  
Prof. Dr. Arlindo de Aguiar Filho  
Examinador

  
Prof. Me. Thiago Gomes da Silva Nunes  
Examinador

## **SUMÁRIO**

<b>RESUMO .....</b>	<b>4</b>
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>4</b>
<b>1. A ALEGORIA DA CAVERNA.....</b>	<b>5</b>
<b>2. REPRESENTAÇÕES DO MITO À NOVA CAVERNA: QUAL É A NOSSA PRISÃO?8</b>	
<b>3. A NECESSIDADE DE RESISTÊNCIA: A LIBERTAÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>16</b>
<b>ABSTRACT .....</b>	<b>18</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>19</b>

## A CONEXÃO ENTRE O MITO DA CAVERNA E SUA CONFIGURAÇÃO NA ATUALIDADE

CARLA ALISSANDRÉIA SILVA RODRIGUES<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente artigo estuda o mito da caverna de Platão e como este se configura em nossos dias. Vivemos em um tempo de conflitos onde pessoas vivem em cavernas, vivem no mundo da escuridão e sem perspectiva. Na atualidade, as cidades estão repletas de seres que estão no mundo subjetivo do medo e da covardia. São violentadas com os seus próprios fantasmas com os medos da cidade sem perspectiva de mudança. Só nós podemos superar os fantasmas do cotidiano, as nossas cavernas do medo. Tendo como objetivo apontar as novas prisões do conhecimento que levam as pessoas à alienação por acreditarem em algo que não é verdadeiro. Como também a necessidade veemente de ocorrer uma libertação deste quadro atual como forma de garantir o afastamento desta totalidade e, a inclusão social das pessoas em uma única realidade/verdade sem segregação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mito da Caverna. Atualidade. Alienação.

### INTRODUÇÃO

Na atualidade interpelar sobre a autenticidade de informações e ideias que nos são passadas, faz com que não sejamos vítimas da grande massa de conhecimentos enganosos, que são passadas através da mídia, dos meios de comunicação e do próprio relacionamento entre as pessoas.

E com as ideias de Platão expostas no Mito da Caverna, podemos entender melhor essa concepção de que a sociedade esta imersa na escuridão dos fatos e que a maioria dos indivíduos não conseguem enxergar a realidade, que só é mostrada a partir do conhecimento verdadeiro das coisas.

Apontado como uma das mais poderosas metáforas já produzidas, o mito da caverna, narrado por Platão no livro VII de *A República*, se tornou um dos trechos mais famoso no mundo filosófico pela forma com que realça a prisão dos homens a conceitos que lhes são impostos.

Neste trabalho observaremos como o mito da caverna se remodela hoje em nossa sociedade. Vivemos em um tempo de disputas onde as pessoas vivem em cavernas, no

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba

mundo das sombras e da falta de perspectiva. Só o homem maduro é questionador, não se contenta com a mesmice, foge de um tempo medíocre ou sem qualidade de vida. Platão no seu mito nos fala que o homem curioso é capaz de sair da caverna e observar o mundo cheio de luz que está no lado de fora. Sair da caverna significa superar os esquemas de alienação e de medo de conhecer a verdade. Há um pouco de verdade em cada pessoa. O ser precisa se libertar das amarras mais escuras de sua mente. O homem é chamado a andar por caminhos novos, é chamado a descobrir o diferente, a retirar de sua mente aquilo que o impede de ser feliz. No mundo da caverna somos prisioneiros e medrosos. Quem sai da caverna encontra coragem para continuar a viver? Na atualidade, as cidades estão repletas de seres que estão no mundo subjetivo do medo e da covardia. São violentadas com os seus próprios fantasmas com os medos da cidade sem perspectiva de mudança. Só nós podemos superar os fantasmas do cotidiano, as nossas cavernas do medo. Vamos sair do comodismo e buscar um tempo ideal e repleto de soluções.

Tendo como objetivo apontar as novas prisões do conhecimento que levam as pessoas à alienação por acreditarem em algo que não é verdadeiro. Como também a necessidade veemente de ocorrer uma libertação deste quadro atual como forma de garantir o afastamento desta totalidade e, a inclusão social das pessoas em uma única realidade/verdade sem segregação.

## **1. A ALEGORIA DA CAVERNA**

Segundo PEREIRA (1987) O mundo da caverna representa o mundo dos sentidos, ao passo que o mundo exterior representa o mundo inteligível.

Esse Mito da caverna se encontra-se no livro VII da *República*, e ele sintetiza dessa maneira a compreensão do processo de conhecimento dentro do pensamento de Platão.

Na Alegoria descrita por Platão, o filósofo compara o Mundo Sensível a uma caverna em que homens se encontram acorrentados e obrigados a vivenciar apenas as sombras como sendo a verdadeira realidade:

Depois disto – prossegui eu – imagina a nossa natureza, relativamente à educação ou à sua falta, de acordo com a seguinte experiência. Suponhamos uns homens numa habitação subterrânea em forma de caverna, com uma

entrada aberta para a luz, que se estende a todo o comprimento dessa gruta. Estão lá dentro desde a infância, algemados de pernas e pescoço, de tal maneira que só lhes é dado permanecer no mesmo lugar e olhar em frente; são incapazes de voltar a cabeça, por causa dos grilhões; serve-lhes de iluminação um fogo que se queima ao longe, numa eminência, por detrás deles; entre a fogueira e os prisioneiros há um caminho ascendente, ao longo do qual se construiu um pequeno muro, [...] Visiona também ao longo deste muro, homens que transportam toda a espécie de objetos que o ultrapassam [...] Em primeiro lugar, pensas que, nestas condições, eles tenham visto, de si mesmos e dos outros, algo mais que as sombras projectadas pelo fogo na parede oposta da caverna? (PLATÃO, 1987, p. 317-18)

Platão imaginou a seguinte situação: pessoas que estivessem acorrentados no fundo de uma caverna e que de lá nunca tivessem saído, esses homens acorrentados imaginam que aquilo que eles veem no fundo da caverna que é nada mais nada menos que o reflexo de uma fogueira por trás deles, num plano mais elevado na entrada da caverna que entre eles e esta fogueira há um pequeno muro e por sobre esse muro as sombras das pessoas que passam lá for a, as sombras dos animais, as sombras de objetos que são carregados por pessoas em cima de suas cabeças, se refletem no fundo da caverna e eles que lá estão presos e acorrentados inclusive sem poder se virar para trás porque da forma como eles foram acorrentados, eles não conseguem se mover, esses homens vivem durante toda suas vidas dentro da caverna imaginando que o real era aquilo que era visto, que o real era aquilo que era ouvido lá dentro. A partir daí Platão imagina que esses mesmos homens em um certo momento havendo a possibilidade que um deles pudesse se livrar dos grilhões, conseguisse galgar a altura daquela entrada e pudesse passar para o lado de fora da caverna, como seria então o espanto desse homem ao encontrar do lado de fora um mundo totalmente diferente?

Primeiro que quando ele saísse se sentiria incomodado pela claridade da luz, a luz do sol, a luz que em Platão simboliza a Verdade, e depois de se acostumar com a claridade e retomando a sua visão normal, o homem que antes vivera o tempo todo achando que a realidade era aquilo que se refletia no fundo da parede da caverna, descobre por si mesmo, através de seu próprio esforço de ter se libertado da caverna, que na verdade o mundo real que para Platão é o mundo das ideias é o que está lá fora então ele se admira com as cores e com as formas que ele nunca havia imaginado, nunca havia visto, e ficará tomado por toda uma gama de acontecimentos que ele sequer imaginaria que fosse daquela forma.

De acordo com o livro *A República* de Platão, no livro VII, ele relata que:

Logo que alguém soltasse um deles, e o forçasse a endireitar-se de repente, a voltar seu pescoço, a andar e a olhar para luz, ao fazer tudo isso, sentiria dor, e o deslumbramento impedi-lo-ia de fixar os objetos cujas sombras via outrora. (p.316)

Platão imagina que esse mesmo homem após descobrir a verdade, depois de sair do mundo da escuridão para o mundo da luz, resolvesse voltar para a caverna, no intuito de contar para aqueles que haviam ficado dentro da caverna, que o mundo existente dentro da caverna não era o que eles pensavam. Ele desceria e contaria a todos que ficaram acorrentados que havia descoberto de fato a verdade, e que a verdade era o sol para todo o mundo que estava acima daquele mundo obscuro.

Para Platão o homem deve, para alcançar o conhecimento, ultrapassar várias etapas, pois o conhecimento não é algo que vem de forma simples, sem esforço. E na alegoria da caverna nós podemos ver o esforço do cativo para se libertar das correntes, depois olhar para trás, depois subir um barranco, depois passar pelo obstáculo, e em seguida para sair da caverna. Quando ele faz isso, ele concretiza uma jornada ascensional, onde sai da ignorância para a luz da razão, a luz do conhecimento. Essa é a visão de Platão acerca de que o conhecimento humano é um processo que é feito através de um trajeto que leva o indivíduo que quer conhecer e que tem o interesse sobre a realidade, de sair do plano do sensível e daquilo que é mera aparência, para o mundo inteligível, aquilo que é razão e daquilo que alcança a verdade.

Então podemos fazer o primeiro paralelo entre dois mundos encontrando o sentido da caverna como sendo um mundo obscuro, o mundo sensível, onde os sentidos nos enganam, são imperfeitos, são obscuros, o qual por várias vezes nos leva a emitir opiniões, porém opiniões não são certezas são crenças e o mundo inteligível que estaria expresso naquela ideia de um mundo luminoso, no sol que a representação em Platão e no mito não só da Verdade, que é alcançada pelo cativo, mas dá ideia de bem.

Em sua obra *A República*, as Ideias são qualificadas como perfeitas, imateriais, eternas, imutáveis, imóveis, invisíveis aos sentidos e perceptíveis somente pela inteligência (PLATÃO, 1987, 525c-533e).

Então a caverna é esse mundo das aparências e a luz do mundo exterior com todas suas formas e múltiplos sons, objetos e cores seria a ascensão do mundo real, onde para Platão seria o mundo das ideias, pois é neste mundo que está a essência das coisas, onde nós temos a certeza das coisas, daquilo que é imutável e que é universal, está na

ideia e não na matéria, pois a matéria é passageira, é temporária, podendo nos levar a cometer erros.

## **2. REPRESENTAÇÕES DO MITO À NOVA CAVERNA: QUAL É A NOSSA PRISÃO?**

Historicamente a sociedade vem se desenvolvendo fruto de uma criação humana, o quanto estamos longe de nossa condição natural.

Esse mito foi escrito por Platão há milênios, porém pode perfeitamente ser aplicado ao nosso atual contexto de sociedade e até mesmo vislumbrado para um eventual futuro.

Mesmo sem estar aprisionada de fato, a sociedade atual também é influenciada pelo que lhe é imposto, principalmente pelos grandes grupos de mídia. Por exemplo, as novelas são capazes de gerar modismos eternos enquanto duram, como cita uma chamada exibida pelas mídias usuais, maior produtora do gênero no Brasil. Ou seja, somos doutrinados pelo conhecimento do mundo sensível, aquele que captamos graças aos nossos sentidos (visão e audição para captação das ideias transmitidas pela televisão, por exemplo).

Essa influência dos meios de comunicação faz com que vejamos a realidade de uma forma distorcida.

A caverna é o mundo ao nosso redor, físico, sensível em que as imagens prevalecem sobre os conceitos, formando em nós opiniões por vezes errôneas e equivocadas, um exemplo claro dessa situação pode ser observado no comportamento da mídia no Brasil, hoje controlado pelas mídias, e onde a grande maioria de brasileiros, a única fonte de informação é a televisão.

Como se sabe a TV controla a vida de milhares de brasileiros, ditando a hora de dormir, tipo de alimentação, bebida, decoração, lazer, viagem, compras, interfere nos processos eleitorais divulgados dados de pesquisas tendenciosas, em conformidade com seus interesses, um exemplo claro é o comportamento sempre duvidoso da mídia.

Ou seja, somos doutrinados pelo conhecimento do mundo sensível, aquele que captamos graças aos nossos sentidos (visão e audição para captação das ideias transmitidas pela televisão, por exemplo).

Desta forma podemos perceber que a influência dos meios de comunicação faz com que vejamos a realidade de uma forma distorcida. Exemplificando isso, podemos levar em conta que apesar de não conhecermos a fundo os conflitos no Oriente Médio, opinamos sobre eles levando em conta apenas informações que já nos foram transmitidas por terceiros. Ou seja, nossa visão do mundo real é fruto da visão de outras pessoas.

No entanto podemos notar que encontramos presente nos dias atuais a mitologia de Platão, porém, mascarada por outras formas de cavernas, que retratam as novas prisões do conhecimento.

Todavia o homem vem sendo cercado por um pseudomundo, fazendo com que a realidade que está ao alcance de nossos olhos e de nossas críticas, vai sendo mascarado o que permite um crescente e assustador cenário marcado por: generalização das fraudes; aumentos da corrupção que vem crescendo dia após dia, desconstruindo valores, e tais meios monitorem até a conduta de cada indivíduo.

Sabemos, no entanto sabemos que não podemos sair facilmente desta caverna, onde em seu livro Saramago adverte sobre a ideologia ao afirmar que a diferente dos objetos, as pessoas não devem ser facilmente manipuladas. Em outro momento ele relata sobre a fraqueza do homem ante a ideologia e o seu domínio “Exposto assim, desarmado, com a cabeça caída para trás, a boca meio aberta, perdido em si mesmo, apresentava a imagem pungente de um abandono sem salvação, como um saco que se tivesse rompido e deixado escoar pelo caminho o que levava dentro.” (SARAMAGO, 2000, p. 41).

Por isso quando uma minoria da população começa a descobrir a verdade e se comportar de maneira diferente do habitual, ocorre dificuldades para entender e apreender o real e para isso, precisamos nos esforçar, estudar, aprender, querer saber. O mundo além da caverna representa o mundo real, que para Platão é o mundo inteligível por possuir Formas ou Ideias que guardam consigo uma identidade indestrutível e imóvel, garantindo o conhecimento dos seres sensíveis.

Pelas dificuldades passadas para que o prisioneiro pudesse obter a liberdade, Platão também evidencia que a chegada ao conhecimento epistêmico requer sacrifícios, assim como também ocorre na atualidade, já que nosso conhecimento é avaliado pelos mais diferentes métodos desde a infância.

Assim podemos elucidar o filme Matrix, a tal vislumbração de um mundo irreal e alienador onde o filme retrata uma condição em que nem sempre o que se vê constitui de fato a realidade, esse é caso do personagem do filme Matrix Thomas A. Anderson um entre os milhões de seres humanos adormecidos. Nas suas atividades legais, Thomas A. Anderson é um tranquilo programador para a respeitável companhia de software Meta córtex. Mas Anderson também é um hacker de computador, que penetra em sistemas de computador ilegalmente e rouba informações, sob o seu apelido hacker de Neo. Durante a sua vida como um hacker, Anderson descobre algo conhecido apenas como a Matrix. E é descrita por Morpheus como uma vaga intuição de que Neo teve durante toda a sua vida: que há algo de errado com o mundo.

A analogia que se pode fazer entre Matrix e o Mito de Platão e que em ambas as condições os personagens pensam que estão de fato vendo ou vivendo a realidade, quando na verdade tudo é uma ilusão.

Verifica-se, assim, que estas pessoas não conseguem enxergar efetivamente aquilo que está realmente acontecendo, ou seja, não conseguem ver ou associar todos os problemas sociais que existem fora daquele ambiente (mundo fictício/ideológico) e passam a acreditar fielmente que o mundo está perfeito, sem nenhum problema e que não possuem nenhuma ligação/responsabilidade com a miséria e com o abandono do povo e, o pior, acaba não mais enxergando esta triste realidade.

No entanto, se faz necessário que estas correntes que aprisiona o homem atual, seja quebrada e ele se liberte desta caverna atual, resistindo contra as alienações ou representações que tenta nos aprisionar. Pois ainda vivemos numa sociedade muito primária do ponto de vista de emancipação do sujeito, pois a perspectiva de Platão em tese ela não se realizou, infelizmente, em boa parte nós continuamos apegados às sensações muito primárias, as aparências para evocar ali uma verdade ou uma realidade. Este engano parece que não foi suficientemente declinado por Platão no mundo grego

para com a civilização, esta chamada de atenção enquanto enganosa ao conhecimento não foi suficientemente evocando por Platão no mundo grego.

No mundo contemporâneo continuamos na mesma tônica e talvez ainda mais declinada uma fragilidade do que no contexto grego. Continuamos no mundo primário de caverna só que é o espelhamento que se tem na contemporaneidade para com esta caverna é muito mais nobre muito mais rica e glamorosa do que o mundo vivenciado por Platão, o mundo da aparências, das imagens da sociedade espetacular, do império das imagens, faz parte do contexto contemporâneo evoca em grande parte como sinônimo de veracidade, o que é confuso, porque nem sempre ali há a ocupação do que é *alethéia* ou a verdade de algo, assim sendo a dimensão hoje das sensações e das aparências, de um mundo de deslizos e de descartabilidades, aliás não evoca propriamente a preocupação de se postular um conhecimento verdadeiro, distante deste conhecimento verdadeiro boa parte da população, boa parte da civilização aposta nesta dimensão, neste método como o suficiente para a sua dimensão cultural, estética a sua possibilidade de singularidade de representação.

Continuamos no mundo predominantemente bucólico, mas sofisticado do ponto de vista de aparato tecnológico de recursos informacionais, mas volátil, quase que vazio do ponto de vista de ideias reflexivas acerca da realidade existente.

Porém SARAMAGO afirma esse domínio dos aparatos tecnológicos e dos recursos informacionais não são definitivos e de alguma forma o homem vai despertar para esse domínio e reagir ante a dominação ideológica, e ao mesmo tempo não e tão fácil, como afirma o autor:

“(…) Não vai ser fácil, uma pessoa não é como uma coisa que se larga num sítio e ali se deixa ficar, uma pessoa mexe-se, pensa, pergunta, duvida, investiga, quer saber, e se é verdade que, forçada pelo hábito da conformação, acaba, mais tarde ou mais cedo, por parecer que se submeteu aos objetos, não se julgue que tal submissão é, em todos os casos, definitiva. (SARAMAGO, 2000, p. 305)”.

### **3. A NECESSIDADE DE RESISTÊNCIA: A LIBERTAÇÃO**

Ao tomarmos contato pleno, profundo com o conhecimento, é possível que ele nos cegue. É duro, difícil, requer bastante sacrifício nos aprofundarmos para acessarmos a verdade essencial das coisas. Porém cabe salientar aqui que a superficialidade é muito mais cômoda, nos dá uma maior percepção de segurança, pois não confrontamos valores

estabelecidos e tidos como verdades universais. Porém, para realmente crescermos, evoluirmos, construirmos o novo é necessário sair de nossa zona de conforto, de nossa caverna e acessar a verdade essencial de nossos desafios.

Ao enxergar coisas que a maioria não está enxergando é possível que você seja tomado como louco, maluco, insano. Isso é natural.

A cidade ainda na atualidade continua a ser o lugar das relações dos homens e mulheres e a ausência de conhecimento, a exploração capitalista, consumista e cultural colocadas perante a sociedade aliadas à ausência de questionamentos sobre esta imposição e, a falsa impressão de que são necessárias e corretas, conduzem às pessoas à falsa percepção da realidade, à alienação e à estagnação conforme detectado acima.

Neste contexto, observa-se que “há que se buscar o exato equilíbrio entre o progresso tecnológico e a capacidade de reação individual que assegure as condições vitais de sobrevivência digna” para que seja possível garantir o cumprimento dos direitos fundamentais, a dignidade da pessoa humana e a inclusão social (GIACÓIA, s.d.; p. 6).

Por este motivo, é necessário que ocorra a “saída do homem da caverna”, “das novas prisões” que “sufocam e acorrentam a alma” e, assim, ocorra a “ruptura da bolha” da alienação.

Hoje grande parte de nossas cidades são grandes e o povo tem que enfrentar o inimigo local ou interior. A violência parte dos próprios seres que a povoam. Não existe mais o muro, cada pessoa vive aprisionada em seus medos e em suas casas que metaforicamente podem ser identificadas com uma caverna. A liberdade não é exercida plenamente, pois os seres vivem em constância vigilância de si mesmos e de seus queridos. Muitas realidades são conflitantes por causa das misérias, preconceitos, exclusões e problemas econômicos. As cidades são vistas como lugares também de muitas oportunidades de encontros culturais nas universidades, fraternidades, órgãos públicos, teatros, praças, movimentos juvenis e nas diversas religiões. A vida tem que ser vivida em todos os momentos, então a cidade é cosmopolita, universo de etnias e de novas identidades e uniões.

Cada pessoa vive um dilema social. Será que a maioria dos seres estão presos em sua mente? Será que eles não querem ver na polis o lugar para os debates comunitários?

Como pessoas críticas, devemos mostrar aos outros o verdadeiro lugar de seu poder político na sociedade nas lutas em prol da vida e da verdadeira liberdade, construída no valor moral e na certeza do ethos, casa de todos nós lugar privilegiado de debates na constante sala tertulial dos que são filósofos e analíticos de suas décadas. Não vamos ficar presos em nós mesmos, vamos sair pelo mundo e pelo tempo e mostrar aos outros os seus respectivos lugares na atualidade na secular ligação intelectual e racional. O homem tem que se observar imerso em um meio de diversidade cultural e sapiencial. A nossa opinião (doxa) cria uma interação com outros pensadores ou mesmo com o povo em geral. Somos baluartes do saber, protagonistas em meio a sociedade, vanguardistas no agora! A cidade é o lugar da política, o lugar das certezas e desafios.

O mito da caverna nos abre os olhos sobre o que, na história da parte da humanidade que recebeu a influência ocidental, constitui agora e constituirá ainda no futuro o acontecimento propriamente histórico. De acordo com a definição de verdade como exatidão da representação, o homem pensa tudo o que é segundo as idéias e aprecia toda realidade segundo os valores. O que de fato importa, o que é realmente decisivo, não é saber quais idéias e quais valores são estabelecidos e aceitos, mas antes, que, de um modo geral, o real é interpretado segundo idéias, e que o mundo é avaliado segundo valores (HEIDEGGER apud PLATÃO, 1996, p. 102).

O homem possui o espírito de liberdade e só cabe a ele discernir aquilo que é importante para a sua vida. A cidade é o lugar da coletividade, lugar especial para os diálogos. No passado a ágora era o lugar das conversas e das interações e hoje em todos os ambientes citadinos o ser é chamado a dialogar a fazer preleções a procurar à sua felicidade. Na ideia socrática a felicidade é vivida por todos os cidadãos. Hoje somos os novos cidadãos do infinito e em cada um reside a certeza da superação dos problemas em prol à sua subjetividade e inteligência. O ser é fazedor de opinião e um crítico de si mesmo e de suas realidades. Dentro da real capacidade do homem encontramos a razão, e é a partir dela que a pessoa busca a sua liberdade e autonomia respeitando o direito do próximo. É no próximo que veremos as situações e as genialidades do dia a dia, é lá que a hermenêutica vai se interagir, pois só os homens virtuosos podem construir uma cidade para todos. Esta felicidade não é para o eu sozinho, mas para os possuidores da liberdade. Temos que superar as dificuldades e os egoísmos do meio para que possamos construir uma polis mais justa e com responsabilidade!

Cada pessoa vai constituir o seu lugar a sua morada seguindo leis e usando a verdade como protótipo de nossa ação de bem viver. A ética de uma cidade não pode

ficar concentrada em pequenos grupos, mas que se espalhe para todos. O ser moral vive de regras estabelecidas por meio de suas instituições participativas, amiúde o senso ético pertence a todos. Não podemos parar de pensar, pois a palavra viva tem que nos levar a uma máxima e tal expressão seja feita de significados de amor, docilidade, compreensão e de fraternidade e sororidade. A cidade continua, mas os seres passam para dar sentido às novas gerações, mas o que fomos servirá como legado e memória perpétua. O homem é curioso e dentro de sua antropologia deseja estudar a si mesmo e o comportamento de sua sociedade e de outras sociedades. Cada cidade possui as suas características. Quando vamos a uma outra cidade temos que adaptar o nosso sentido para os desafios daquele lugar. Temos que ser cosmopolitas, entendedores de várias culturas e histórias. Somos seres de uma de uma tradição e de valores estabelecidos, pois crescemos em uma sociedade com relações tradicionais já estabelecidas.

Cada pensante tem que possuir o pleno senso de liberdade. O que tem que imperar na sociedade cosmogônica é a certeza de respeito pela capacidade do outro. O outro é chamado a se ético todos os dias. O egoísmo de muitos acaba retirando da criatura sapiencial o poder de alcançar outros graus de crescimento e liberdade. O senso crítico tem que ser uma das bases de nossa sociedade, pois é necessário que façamos uma revolução política em prol da livre pessoa. O manifesto do agora tem o poder de libertar os homens do egoísmo, tão perceptível neste mundo capitalista, tão encontrado nos meios culturais. Quanto mais tenho é necessário derrubar o meu oponente que também é intelectual ou me incomoda pelo que tem. A liberdade é como uma metáfora: tenho que respeitar o quintal do próximo, não posso invadir o seu espaço a sua liberdade geográfica e psicológica. Vivemos em um tempo de violência moral e de falta de amor pelo próximo.

Na cidade-modelo, para que a política seja subordinada à filosofia, não é preciso que a filosofia fique, ao contrário, à margem da política e que, por exemplo, o filósofo permaneça alheio e incompreendido entre os seus concidadãos (como ocorreu com Sócrates) (PLATÃO, 1996, p. 54).

O objetivo da existência filosófica é de fazer do ser um atuante idealizador e despertar nele uma recordação de seus conhecimentos. Está na alma de cada um a ideia de descobrir as suas potencialidades. Não temos que ser prisioneiros da caverna, pois o medo nos impede de continuar a lutar por aquilo que nos interessa. Fugir da alegoria é

despertar à mente para o relógio do tempo que anela por fazer um amplo movimento de nossas vidas. O que nos faz virtuosos está na certeza de uma liberdade política, filosófica, sapiencial e intelectual. A interação do bem nos faz fazedores de novas iniciativas no mundo chamado de cidade, no mundo que é pessoal e coletivo. O filósofo vai além e deseja construir ou inaugurar um novo tempo, pois ele analisa aquilo que está diante de seus olhos diante de sua alma. O filósofo visa o bem de quem acredita no mundo da inteligência, ele não foge de si e da realidade. Ele quer administrar com eficácia a sociedade que precisa ter homens justos, homens fiéis ao agora. A alma tem que perceber a perfeita compreensão da justiça, do belo e de cada ideia para entender que tudo isso está interligado, ou seja, o que une uma coisa as outras. O bem é o princípio da sabedoria.

O filósofo tem o poder de influenciar a vida política a religião e os tempos modernos. O filósofo tem que dirigir a cidade, pois ele tem o ideal de fazer o bem para todos os cidadãos. Uma cidade justa cheia de cidadãos justos preocupados com a moral de seu lugar de sua própria história. O mundo sensível é o mundo que os homens habitam e o inteligível é o das ideias - realidade e verdade, ou seja, uma episteme. A pessoa tem que se conhecer para bem governar aquilo que está ao seu redor.

O nosso problema é ético, pois falta a honestidade, pois os princípios de liberdade ganharam uma conotação contrária. Falta o respeito, a dignidade e a oportunidade de fazer o outro um ser de possíveis mudanças. As pessoas só querem visar aos seus interesses, deixando de lado o bem comum. Vivemos em uma comunidade cheia de máscaras, de cidades emblemáticas que carregam problemas gritantes, pois os governos escondem as suas reais dificuldades e transtornos.

A política foi inventada como o modo pelo qual os humanos regulam e ordenam seus interesses conflitantes, seus direitos e obrigações enquanto seres sociais [...] como o modo pelo qual a sociedade, inteiramente dividida, discute, delibera e decide em comum para aprovar ou rejeitar as ações que dizem respeito a todos os seus membros (PADILHA, 2001, p. 19-20).

Então, temos o dever político de lutar pelo bem comum de todos, de defender os interesses da sociedade em geral, de promover o direito e a justiça. A nossa vontade subjetiva não deve ser a máxima, mas um preceito que seja feito para todos.

Grosso modo, a democracia, se a tomamos como forma política, só pode de fato existir na medida em que haja, no nível dos indivíduos, das famílias, do cotidiano, se você quiser, relações de governo, um certo tipo de relações de poder que se produzem. [...]. Quero dizer que não podemos localizá-las, simplesmente, nos aparelhos de estado ou fazê-las derivarem-se inteiramente do Estado, que a questão é muito mais ampla (FOUCAULT, 2010, p. 376).

Portanto, temos que construir uma pólis de seres que lutam por todos. É como se fosse parafrasear a famosa frase: um por todos e todos por um. Vamos cultivar em nós valores éticos, vamos lutar por uma cidade a qual os muros dos preconceitos e medos devem estar caídos e aniquilados. A participação de todos consegue modificar muitas realidades.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se que a caverna é o mundo aparente e o que a ilumina é a luz do sol. O prisioneiro que se liberta das correntes se projeta a um mundo superior e o contempla. É o início da elevação do espírito para o mundo inteligível.

Esta comparação apresenta a ilustração de um mundo limitado por cenários materiais e sensoriais e existe outro, um mundo real a ser conhecido, que para isso, dependerá do homem em se libertar da própria ignorância. Saindo da acomodação o homem poderá ser capaz de indagar e refletir a própria realidade e adquirir outros conhecimentos. Portanto, é se faz importante que dominemos os medos, que construamos uma sociedade melhor; tendo sempre a ideia que o homem só será feliz buscando mudar o seu meio social. Escapar da caverna é ser forte, é caminhar em direção às certezas de um novo momento, as categorias de liberdade e de mudança de mentalidade. Somos convidados a sair da cidade entorpecida e a fazer dela um lugar melhor onde todos se comunicam mutuamente e com plena eficácia.

Desta forma conclui-se que vivemos numa sociedade muito primária, do ponto de vista de emancipação dos sujeitos. A perspectiva de Platão em tese ela não se realizou infelizmente em boa parte, mas nós continuamos apegados às sensações muito primárias, as aparências para evocar ali uma verdade ou uma realidade esse engano parece que não foi suficientemente declinado por Platão no mundo grego era para com a civilização, essa chamada de atenção enquanto enganosa ao conhecimento não foi suficiente evocada por Platão no mundo grego.

No mundo contemporâneo continuamos na mesma tônica e talvez e ainda mais declinados a uma fragilidade do que no contexto grego, continuamos no mundo muito primário de caverna, só que o espelhamento que se tem na contemporaneidade para com esta Caverna é muito mais nobre, muito mais rico e glamoroso do que o mundo vivenciado por Platão. O mundo das aparências, das imagens, da sociedade espetacular, do império das imagens, que faz parte do contexto contemporâneo, evoca em grande parte como sinônimo de veracidade, o que é confuso, porque nem sempre ali a ocupação do que é *Alétheia* ou a verdade de algo, aliás a dimensão hoje das sensações e das aparências de um mundo de deslizos e de descartabilidades, aliás não evoca propriamente a preocupação de se postular um conhecimento verdadeiro, e distante deste conhecimento verdadeiro, boa parte da população, boa parte da civilização aposta nesta dimensão, neste método como o suficiente e para a sua dimensão cultural, a sua dimensão estética, a sua possibilidade de singularidade, de representação, continuamos no mundo predominantemente ainda penso bucólico mas sofisticado, do ponto de vista de aparato tecnológico de recursos informacionais, mas volátil quase que vazio, do ponto de vista de ideias reflexivas acerca da realidade existente.

Portanto, torna-se vital que ocorra que o indivíduo saia das cavernas que vivemos e que as pessoas que se encontram no mundo ideal, passem a enxergar os problemas relacionados a toda a sociedade; deixando de lado o mundo imaginário ou um mundo utópico, onde o capitalismo, o consumismo, os quesitos que a moda podem trazer dentro de um mero shopping center, ou ainda, dos imensos condomínios fechados ou das suas próprias residências, ou dos noticiários e da televisão.

Fugir da caverna é buscar possuir forças, é mostrar ser uma pessoa capaz de modificar a sua história e a história dos outros. Na vida precisamos crescer e lutar por uma pólis melhor.

Dessa forma, o momento é de libertação e da busca incessante pelo verdadeiro conhecimento. É a hora de tirar “o véu da ignorância” e abrir os olhos para a verdadeira realidade de descaso que a população vem enfrentando. É preciso “enxergar” com os seus próprios olhos e não por meio da opinião elaborada por outra pessoa.

## **THE CONNECTION BETWEEN THE CAVE MYTH AND ITS PRESENT CONFIGURATION**

### **ABSTRACT**

In the present time, I question the authenticity of information and ideas that are passed on to us, so the present work studies the myth of Plato's cave and how it is configured in our day. We live in a time of conflict where people live in caves, live in the world of darkness and without perspective. At present, cities are full of beings who are in the subjective world of fear and cowardice. They are raped with their own ghosts with the fears of the city with no prospect of change. Only we can overcome the ghosts of the everyday, our caves of fear. Aimed at pointing out the new prisons of knowledge that lead people to alienation by believing in something that is not true. As well as the vehement need to experience a liberation from this current framework as a way of guaranteeing the removal of this totality, and the social inclusion of people into a single reality / truth without segregation.

**KEY WORDS:** Myth of the Cave. Present. Alienation.

## REFERÊNCIAS

BARAQUIN, Noëla; LAFFITTE, Jacqueline. Dicionário universitário dos filósofos. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FOUCAULT, Michel. Repensar a política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

GIACÓIA, Gilberto. Liberdade – resistir é preciso. Disponível em: <<http://www.conpedi.org.br/manaus/arquivos/Anais/Gilberto%20Giacoaia.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2017;

PADILHA, Paulo Roberto. Planejamento dialógico. São Paulo: Cortez, 2001.

PLATÃO. A república. Brasília: UnB, 1996.

PLATÃO. A República. Trad. Maria Helena da Rocha Pereira. 5. Ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987. Disponível em: <https://marcosfabionuva.files.wordpress.com/2011/08/a-republica-platão-fcg-5c2aa-ed-1987.pdf>.

RODRIGUES, Natalício.M. O MITO DA CAVERNA DE PLATÃO – UMA ANALOGIA DE JOSÉ SARAMAGO E JEAN BAUDRILLARD. Disponível em: [http://natalgeo.blogspot.com.br/2013/10/o-mito-da-caverna-e-globalizacao-uma-de\\_19.html](http://natalgeo.blogspot.com.br/2013/10/o-mito-da-caverna-e-globalizacao-uma-de_19.html). Acesso em: 23 de junho de 2017.

SARAMAGO, José. A caverna. São Paulo: Companhia das Letras, 2000;